



## Gênero como fenômeno: uma experiência de tornar-se *Género como fenómeno: una experiencia de convertirse*

Larissa Jovana Morais de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Severino Ramos Lima de SOUZA<sup>2</sup>

**Resumo:** Muito se tem falado sobre sexualidade/gênero nos dias atuais, e mesmo não se configurando como inédita, a temática ainda gera conflitos de aproximação, apreensão e compreensão social efetiva. Na Psicologia, isto não é diferente, pois se observa, dentro da perspectiva fenomenológica-existencial, uma escassez científica no diálogo desta dimensão humana. A proposta do seguinte artigo é discutir a questão de gênero através da compreensão sartriana de fenômeno, entendendo, deste modo, o gênero enquanto construção constante do Self rogeriano.

**Palavras-chave:** : Gênero. Fenômeno. Psicologia. Identidade. Autoconceito. *Self*.

**Resumen:** Mucho se ha hablado sobre sexualidad/género en los días actuales, e incluso no configurándose como inédita, la temática todavía genera conflictos de aproximación, aprehensión y comprensión social efectiva. En la Psicología, esto no es diferente, pues se observa, dentro de la perspectiva fenomenológica-existencial, una escasez científica en el diálogo de esta dimensión humana. La propuesta del siguiente artículo es discutir la cuestión de género a través de la comprensión sartriana de fenómeno, entendiendo de este modo el género como construcción constante del Self rogeriano.

**Palabras clave:** Género. Fenómeno. Psicología. Identidad. Autoconceito. *Self*.

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v29n12020p55062>

---

<sup>1</sup> Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar pelo Programa de Residência em Psicologia Clínica e Hospitalar do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira | IMIP | mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva | UFPE | E-mail: larissajovana10@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Clínica | UNICAP | doutor em Psicologia Clínica | (UNICAP) professor e supervisor de estágio na Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | psicólogo da Fundação de Atendimento Socioeducativo | FUNASE e orientador da pesquisa | E-mail: sevpsilima@gmail.com

## Introdução

No campo da Psicologia, várias são as possibilidades de compreensão de uma dada experiência, pois são diversas as formas de olhar para o mundo, o ser humano e suas dimensões. Dentre elas, encontra-se a perspectiva fenomenológica-existencial, que tem sua fundação epistemológica na concepção da realidade enquanto fenômeno (BRANCO, 2008).

Ao ancorar o pensamento nesta visão, esta abordagem concebe o ser humano como alguém em processo eterno de construção e (re)significação de sua vivência do/no mundo, de si e com os outros. Nesta perspectiva, o indivíduo em seu movimento de (re) criação de si mesmo, vai se constituindo através das aparições que o manifestam, sem considerá-las de forma dualista, mas, ao contrário, concebendo-se em sua totalidade existencial (BRANCO, 2008).

Partindo disto, o presente trabalho tem o objetivo de, compreendendo o ser humano, através da ótica fenomenológica-existencial, enquanto eterno *vir-a-ser*, debater a questão de gênero como dimensão de aparição e manifestação do *Self*.

## Sartre e o fenômeno

O pensamento moderno realizou um progresso considerável ao reduzir o existente a série de aparições que o manifestam.

(SARTRE, 2007, p. 15)

Segundo Sartre (2007), a grande contribuição do pensamento moderno foi a redução do existente às aparições que o manifestam. Isto significa dizer que, na modernidade, a dicotomia aparência-essência se finda e, partindo do *ego cogito*, dá lugar à concepção de que o ser do existente é exatamente aquilo que se mostra.

Segue-se, evidentemente, que o dualismo do ser e do aparecer não pode encontrar legitimidade na filosofia. A aparência remete à série total das aparências e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. E a aparência, por sua vez, não é uma manifestação inconsistente deste ser. Enquanto foi possível acreditar nas realidades numéricas, a aparência se mostrou puro negativo. Era "aquilo que não é o ser"; não possuía outro ser, salvo o da ilusão e do erro. Mas este mesmo ser era emprestado, consistia em uma falsa aparência, e a maior dificuldade que se podia encontrar era a de manter suficiente coesão e existência na aparência para que ela não se reabsorvesse por si mesma no seio do ser não-fenomenico. Mas se nos desvencilharmos do que Nietzsche chamava "a ilusão dos trás-mundos" e não acreditarmos mais no ser-detrás-da-aparição, esta se tornará, ao contrário, plena positividade, e sua essência um "aparecer" que já não se opõe ao ser, mas, ao contrário, é a sua medida. Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta. Assim chegamos à idéia de fenômeno como pode ser encontrada, por exemplo, na "Fenomenologia" de Husserl ou Heidegger: o fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno continua a ser relativo porque o "aparecer" pressupõe em essência alguém a quem aparecer. [...] O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é. Pode ser estudado e descrito como tal, porque é absolutamente indicativo de si mesmo.[...] Tudo está em ato (SARTRE, 2007, p. 15-16).

A experiência cartesiana é, em Sartre (2007), ampliada, pois, adotando a compreensão de “ser-no-mundo” Heideggeriana, agrega concretude - não intelectual - ao *cogito*, deslocando a questão do conhecimento para o âmbito existencial. Isto posto, a relação dualista sujeito-objeto tem, para o filósofo, uma dimensão metafísica, pois, ao criticar o materialismo, refuta a existência de um mundo exterior e sua possibilidade de conhecimento, enquanto problema crítico fundamental.

Em outras palavras, houve uma eliminação do dualismo opositor interior-exterior. Não existe mais um exterior do existente, entendido em sua superficialidade dissimuladora do olhar à verdadeira natureza humana, nem muito menos uma realidade secreta pressentida ou suposta, sem jamais ser alcançada por ser interior ao objeto. As aparições que manifestam o existente equivalem-se entre si, remetendo-se umas às outras, sem privilégios.

[...] A força, por exemplo, não é um *conatus*<sup>3</sup> metafísico e de espécie desconhecida que se disfarçasse detrás de seus efeitos (aceleração, desvios, etc.): é o conjunto desses efeitos. Analogamente, a corrente elétrica não tem um reverso secreto: não é mais que o conjunto das ações físico-químicas que a manifestam (eletrólise, incandescência de um filamento de carbono, deslocamento da agulha do galvanômetro, etc.). Nenhuma dessas ações basta para revelá-la. Nem indica algo atrás dela: designa a si mesma e a série total (SARTRE, 2007, p. 15).

O fenômeno é, pois, um relativo-absoluto: relativo, porque o “aparecer” implica alguém a quem aparecer, e absoluto porque a aparência abrange a realidade completa do existente. Rompe-se, com isso, a dicotomia ato-potência, pois sendo absolutamente indicativo de si mesmo, o que o fenômeno é, o é absolutamente na aparição, revelando-se como é (SARTRE, 2007).

Por ser o que é, o que se mostra, é possível ser descrito. Esta descrição dirá sobre o ser, de maneira ontológica, já que o ser só é enquanto objetividade do fenômeno. Assim, o existente é exatamente aquilo que “aparenta”. E é a partir disso que se estrutura o conceito de fenômeno, pois ele é justamente aquilo que se mostra: a realidade está na aparência e nada além dela. A essência é aqui compreendida como a associação das várias aparições do fenômeno: ela não está escondida por detrás das aparições - elas são a essência revelada. Ou seja, o ser do fenômeno está em ato: só é na aparição, pois é ela que manifesta o existente (SARTRE, 2007).

## Rogers e o Self

A vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixado.  
(ROGERS, 1997, p. 38)

A Abordagem Centrada na Pessoa é produto da experiência significativa de Carl Rogers, tanto na clínica quanto na área acadêmica. Seus trabalhos abrangem questões relacionadas à psicoterapia, à dinâmica dos relacionamentos interpessoais e aos aspectos do

<sup>3</sup> Em latim: impulso (N. do T.).

funcionamento da personalidade, gerando contribuições importantes para as áreas escolar, clínica, organizacional e social (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS & KINGET, 1979).

Como ponto inicial de reflexão, é necessário compreendermos um de seus conceitos fundamentais, de onde praticamente toda sua teoria se desenvolve: a tendência atualizante. Sua definição pressupõe uma tendência, inerente a todo organismo, para desenvolver as suas potencialidades, favorecendo sua conservação e enriquecimento (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS & KINGET, 1979).

(...) existe em todo organismo, em qualquer nível, um fluxo subjacente de movimento para uma realização construtiva de suas possibilidades intrínsecas. Há no homem uma tendência natural para o desenvolvimento completo. O termo mais frequentemente usado para isso é o de tendência de realização, que está presente em todos os organismos vivos. Trata-se do fundamento sobre o qual está construída a abordagem centrada-na-pessoa (ROGERS, 1986, p. 17).

(...) a tendência à atualização é a mais fundamental do organismo em sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e limites do meio (ROGERS & KINGET, 1979, p. 41).

O caminho deste desenvolvimento é indicado pela experiência organísmica do indivíduo e pelas reações - inerentes a cada momento, ocorrendo no fluxo de tempo - de um todo organizado que, para o autor, são dignas de confiança (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS & KINGET, 1979).

Mesmo considerando-a como uma bagagem natural do indivíduo, a tendência atualizante é atravessada pela influência contextual, em que o caráter universal dá lugar à noção fenomenológica, caracterizada pela percepção do sujeito sobre o que este considera ser a melhor maneira de agir em determinado momento. A tendência atualizante pode, então, ser entendida como uma contínua superação dos estados atuais do indivíduo, na direção da atualização de suas potencialidades (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS & KINGET, 1979).

A partir daí, Rogers desenvolve a concepção de *Self*, que conceitualmente estabelece a definição que o indivíduo tem de si e da realidade:

[...] é uma estrutura, isto é, um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo. Como exemplo dessas percepções citemos: as características, atributos, qualidades e defeitos, capacidades e limites, valores e relações que o indivíduo reconhece como descritivos de si mesmo e que percebe constituindo sua identidade. Esta estrutura perceptual faz parte, evidentemente – e parte central – da estrutura perceptual total que engloba todas as experiências do indivíduo em cada momento de sua existência (ROGERS & KINGET, 1977, p. 44).

Nos primeiros anos de vida, o indivíduo norteia sua ação a partir de como vive e experimenta o mundo no aqui e agora. Por causa da interação entre si e o contexto em que vive, parte desta experiência transforma-se em "experiência de si", criando uma "noção de eu" - tal como o indivíduo se percebe - que o guiará em suas ações (ROGERS & KINGET, 1977).

Isto posto, o *Self* pode ser encarado como uma condição consciente e reflexiva de si, possuindo e fornecendo significados de identificação de si e percepção da realidade, fazendo parte também de uma estrutura mais abrangente representada pelo organismo<sup>4</sup>.

Tudo o que se passa no organismo, em qualquer momento, está potencialmente disponível à consciência. Este campo fenomenal, que é a estrutura de referência da pessoa, a forma como ela capta a realidade de uma maneira global, abarcando fenômenos que estão conscientes e não conscientes, é constituído pelas experiências vividas por este indivíduo (ROGERS; KINGET, 1977).

Contudo, este campo fenomênico difere da consciência, pois esta, ligada mais ao *self*, relaciona-se com a simbolização da experiência, referindo os significados conscientes que a pessoa seleciona para identificá-la (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS; KINGET, 1977).

Tanto este campo como a consciência estruturam-se a partir dos significados que são aprendidos pela pessoa no curso da ação. Entretanto, quando não há uma convergência entre eles, o conflito se instaura, pois a tendência atualizante do organismo está agindo de forma contrária à do *self*, que baseou suas significações, prioritariamente, nas influências de outras pessoas, em oposição às significações baseadas nas avaliações orgânicas (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS; KINGET, 1977).

O organismo é, pois, o critério de validação dos significados que constituem o *Self*, podendo-se através dele observar a influência (positiva ou negativa) dos aspectos culturais e sociais no bem-estar das pessoas e na constituição do *Self*. Assim, a noção de eu pode ou não ser confirmada pelas relações sociais estabelecidas ao longo da vida do sujeito (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS; KINGET, 1977).

## Gênero como fenômeno na construção do *Self*

As pessoas não debatem conteúdo, apenas rótulos.  
(GONDIM, 2007, p. 107)

É recorrente nos dias atuais ouvir debates e discussões sobre a temática sexualidade/gênero. Mesmo não se caracterizando como algo desconhecido, ainda se observa um obscurantismo frente ao entendimento efetivo deste aspecto humano (CRUZ, 2013).

Segundo Cruz (2013), podemos definir gênero como uma imposição social de divisão dos sexos, produzida nas relações sociais de sexualidade componentes dos sistemas de sexo/gênero. É uma categoria de análise cultural, histórica e política que expressa relações de poder nos termos dos diferentes sistemas de gênero e destes com outras categorias (etnia, raça, classe).

<sup>4</sup> Segundo Rogers (1975, 1997) e Rogers & Kinget (1977), *apud* Branco (2008), este conceito central, encarado como a base de todas as experiências e orientador de ações e de atitudes, configura-se como instância genuína e verdadeira de avaliação do que ocorre à pessoa. Tem uma influência singular na forma de constituição da *self*. Sua dinâmica psíquica é fundamentada na intuição orgânica, na qual o organismo se comporta mediante uma realidade subjetiva - experiencial.

Gênero não é algo com o qual se nasce, ou algo que se tem, e sim tudo aquilo que delinea um comportamento. Ideológico por “natureza”, é uma imagem construída pela vida em sociedade para delimitar determinadas relações e vivências: institui determinados papéis. Enquanto o sexo é uma categoria biológica baseada no potencial reprodutivo, inerente a todo agrupamento humano, o gênero é uma elaboração social do sexo biológico, que varia de sociedade para sociedade, de homens para mulheres e das representações nas instâncias de poder (SANTANA, 2013, p. 58-59).

Estas representações de gênero passam por constantes revisões culturais da memória coletiva. Isto significa dizer que a análise ideológica que sustenta as representações identitárias de gênero são multifatoriais, pois, como marca da leitura cultural, indicam-se pelas formas como cada indivíduo usa, discursivamente, seu corpo (CRUZ, 2013; SANTANA, 2013).

Estas produções identitárias constituem e instituem os sujeitos dentro das relações e práticas sociais, produzindo e organizando a percepção social sobre as representações de gênero. Dessa forma, as identidades são vistas como antagônicas, múltiplas, provisórias e não uniformes (CRUZ, 2013; SANTANA, 2013).

A utilização do conceito de gênero não está ligada ao desempenho de papéis masculinos ou femininos, mas sim à produção de identidades - múltiplas e plurais - (...) no interior de relações e práticas sociais (portanto no interior das relações de poder). Compreende-se que essas relações e práticas não apenas constituem e instituem os sujeitos (esses vários tipos de homens e mulheres), mas também produzem as formas como as instituições sociais são organizadas e percebidas (CRUZ, 2013, p. 90).

Nesta direção, cabe o questionamento da normatização de gênero para além do binarismo tradicional entre o feminino e o masculino, reconhecendo o fato de que sua construção se dá através da repetição de atos performáticos de naturalização fantasística, atravessados e marcados pelas relações de poder (SANTANA, 2013).

Adotando o existente como ser que, inerentemente, conserva-se em contínua superação de seus estados atuais na direção da atualização de suas potencialidades, o gênero configura-se como um dos fenômenos de experientiação de si na construção de seu autoconceito (SARTRE, 2007; SANTANA, 2013).

Nesta linha de reflexão, quando as barreiras dicotômicas feminino-masculino são eliminadas, superando o determinismo biológico que baseia as diferenças de sexo nas argumentações médico-biológicas, caracterizando qualitativamente as distinções entre homens e mulheres, dá-se a oportunidade de compreensão da questão de gênero como um dos fenômenos de ser do indivíduo no seu projeto consciente e reflexivo de construção de si (CRUZ, 2013; SANTANA, 2013).

Desta forma, entendendo o gênero como um fenômeno na experientiação do autoconceito, a individualidade da sua vivência não se desdobra de uma predisposição individual ou biológica, mas enquanto arranjo social; o gênero individual se constrói nos limites da ordem social (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS; KINGET, 1977; SANTANA, 2013).

Enquanto fenômeno, o gênero não se configura apenas como o simples desempenho de papéis socialmente impostos, encerrando-se em uma exterioridade superficial

de repetição naturalizada de atos performáticos fantasisticamente opostos, baseadas apenas em uma diferenciação biológica. Tão somente se caracteriza por uma realidade interiormente inalcançável do indivíduo, podendo apenas ser pressentida ou suposta. Ele é, efetivamente, a manifestação do existente enquanto aparição (CRUZ, 2013; SANTANA, 2013; SARTRE, 2007).

Isto é, o gênero é aquilo do existente que *aparece*, e enquanto aparição, manifesta-o enquanto tal. Assim, ele é exatamente aquilo que *aparenta*; é justamente aquilo que se mostra: sua realidade está na aparência, e nada além dela. É, pois, uma das formas deste existente experimentar o mundo no aqui e agora, guiando suas ações através de sua percepção consciente e reflexiva, manifestada em suas aparições (SARTRE, 2007).

Desse modo, o processo de tornar-se, levando-se em consideração o gênero enquanto um dos aspectos deste processo de criação de si, dá-se através da validação orgânica dos significados constituintes desta dimensão do *Self*, observando e confirmando, ou não, a influência dos aspectos socioculturais (ROGERS, 1975; 1983; 1997; ROGERS & KINGET, 1977).

### Considerações finais

Partindo desta breve discussão, pode-se concluir que, no processo de tornar-se, o *Self* é significado através da vivência orgânica do indivíduo que vai se constituindo através de suas aparições e manifestações. Aqui, o gênero é compreendido como um fenômeno de aparição deste sujeito, que o revela enquanto existente, em sua totalidade existencial.

Isto posto, intencionou-se, com este trabalho, proporcionar uma aproximação reflexiva à temática gênero/sexualidade, enquanto dimensão de aparição do *Self*, concebendo este fenômeno de manifestação no movimento contínuo de (re)criação de si.

### Referências

- BRANCO, Paulo C. C. Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da vida. In: JÚNIOR, Francisco S. C.; SOUSA, André F. **Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa** – ACP. Campinas: Alínea, 2008.
- CRUZ, Maria Helena Santana. Prólogo. In: DIAS, Alfrancio Ferreira; PACHECO, Ana Cláudia Lemos (org.). **Gênero, trans e multidisciplinaridade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- CRUZ, Maria Helena Santana. Representações de gênero sobre o trabalho e aposentadoria de docentes da Universidade Federal de Sergipe. In: DIAS, Alfrancio Ferreira; PACHECO, Ana Cláudia Lemos (org.). **Gênero, trans e multidisciplinaridade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- GONDIM, Ricardo. **Eu creio, mas tenho dúvidas**. Editora Ultimato, 2007.
- ROGERS, Carl. *Terapia centrada no paciente*. Tradução Maria Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. Tradução Manuel Ferreira, Alvamar Lampareli. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- 
- ROGERS, Carl. **Um jeito de ser**. Tradução M. Kupfer, H. Lebrão, Y. Patto. São Paulo: EPU, 1983.
- ROGERS, Carl; KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Tradução Maria Luisa Bizzoto. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
- ROGERS, Carl; KINGET, Marian. **Psicoterapia e relações humanas**. Tradução Maria Luisa Bizzoto. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- ROGERS, Carl. **Sobre o poder pessoal**. Lisboa: Moraes, 1986.
- SANTANA, Braulino Pereira de. Lei das emendas vaginais revisitado. In: DIAS, Alfrancio Ferreira; PACHECO, Ana Cláudia Lemos (org.). **Gênero, trans e multidisciplinaridade**. Jundiá: Paco Editorial, 2013.
- SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

---

Recebido em: 07.10.2019

Aprovado em: 12.03.2020

**Para referenciar este texto:**

OLIVEIRA, Larissa Jovana Morais de; SOUZA, Severino Ramos Lima de. Gênero como fenômeno: uma experiência de tornar-se. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 1, p. 55-62, jan./jun. 2020.